

Tabela 5.1 Similaridades e diferenças entre as políticas externas de Fernando Henrique Cardoso e de Lula.

Agenda da política externa brasileira	Governo Fernando Henrique Cardoso	Governo Lula
Alca	Apesar de não considerá-la prioritária para o Brasil, o governo tinha uma posição mais favorável à Alca. A estratégia era atrasar as negociações e apenas assinar o acordo se fosse favorável ao país.	Passou-se a negociar de forma mais dura, com o argumento de que as negociações só prosseguiriam se as demandas brasileiras fossem atendidas.
Combate à fome internacional	Tema não presente na agenda brasileira durante a administração Fernando Henrique Cardoso.	Ganhou destaque nos pronunciamentos internacionais do governo Lula, principalmente no início de seu mandato. Tentou-se inseri-lo formalmente na agenda internacional, com resultados discutíveis.
Conselho de Segurança da ONU	Desejava-se uma vaga de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU, mas a diplomacia brasileira não investiu muitos esforços nessa empreitada. Fernando Henrique Cardoso chegou a declarar que preferia aprofundar a integração regional e fazer parte do G7 a conseguir um assento no Conselho.	O ministro Celso Amorim expressou com mais firmeza o desejo do país de obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU; a energia diplomática despendida no tema foi considerável. Os custos da liderança brasileira no Haiti teriam sido uma tentativa de provar à comunidade internacional que o país tinha condições de fazer parte do Conselho.
Cooperação Sul-Sul	A administração Fernando Henrique Cardoso privilegiou as relações com os países desenvolvidos, principalmente com a União Europeia e os Estados Unidos. A aproximação com grandes países do Sul visava a benefícios materiais, principalmente em setores comerciais. No fim do segundo mandato, o governo buscou ampliar relações com China, Índia, Rússia e África do Sul. No caso do contencioso das patentes farmacêuticas contra os Estados Unidos, o Brasil aproximou-se da Índia e da África do Sul, mas não se chegou a institucionalizar essa parceria durante seu governo.	A aproximação com os países do Sul ganhou destaque no governo. Defendeu-se uma relação mais duradoura com os países em desenvolvimento, motivada por visões de mundo e pelas raízes ideológicas do PT, parcialmente coincidentes com a tendência existente em parte da diplomacia. Institucionalizou-se a parceria entre Índia, Brasil e África do Sul, abrangendo uma série de temas, como segurança, comércio e intercâmbio tecnológico, com resultados ainda incertos. Nessa administração, ganhou destaque a formação do G20, grupo de países em desenvolvimento que visam à liberalização do comércio agrícola. Essa coalizão tem por objetivo reduzir as assimetrias econômicas e de poder.



Tabela 5.1 Continuação

Relações com os Estados Unidos	<p>A administração Fernando Henrique Cardoso pautou-se pela lógica da participação ativa na formulação de regimes internacionais, na qual os norte-americanos tinham papel relevante. O presidente brasileiro desenvolveu relações pessoais com o presidente Clinton. No fim da administração Fernando Henrique Cardoso, já na administração George W. Bush e especialmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, o presidente passou a criticar o unilateralismo norte-americano. Nessa fase, foram buscadas novas parcerias comerciais com grandes nações em desenvolvimento para contrabalançar o poderio comercial norte-americano.</p>	<p>Reconhecendo a importância dos Estados Unidos como país mais rico e poderoso do globo, a política externa de Lula buscou aprofundar as relações com grandes nações em desenvolvimento e com algumas da União Europeia visando reduzir as assimetrias de poder com a potência norte-americana. A busca de fortalecimento do Mercosul e as negociações Mercosul-União Europeia também procuraram ampliar o poder de barganha do país ao diversificar as opções estratégicas. Nesse contexto, o governo buscou evitar confrontos com os Estados Unidos.</p>
Integração latino-americana	<p>O tema da integração regional sul-americana, sobretudo o Mercosul, é central na agenda brasileira desde a democratização do país, em 1985. Na administração Fernando Henrique Cardoso, o processo de integração regional foi visto como um instrumento pelo qual o Brasil poderia disputar um espaço político e econômico maior no mundo. Houve dificuldades com a administração Menem, mas a integração foi consolidada.</p>	<p>O governo Lula manteve interesse pelo Mercosul, acentuando fortemente o peso do projeto de Comunidade Sul-Americana de Nações (Casa). As relações políticas com o governo Kirchner foram positivas. Houve uma ênfase retórica no papel da região, evidenciada pelo desenvolvimento da IIRSA. A integração estava no topo da agenda do país. Na administração Lula, buscou-se manter equilíbrio nas relações com os países da região para capitalizar a aparente convergência em relação à integração e evitar agravar situações potencialmente conflituosas.</p>
Liderança brasileira	<p>O governo Fernando Henrique Cardoso acreditava que liderança não se proclama, mas se exercita. Nesse sentido, o tema não recebeu muito destaque em sua gestão.</p>	<p>A administração Lula colocou o tema no debate político brasileiro, embora não ostensivamente. O desejo de obter papel de destaque na região e entre os países em desenvolvimento foi introduzido. Por outro lado, alguns países sul-americanos, como Bolívia e Paraguai, exigiam muito mais do Brasil.</p>